



Breves considerações sobre *حكمة* (*hikma*) para a leitura do gênero literário sapiencial na Bíblia Hebraica¹

Brief Comments on *حكمة* (*hikma*) for the Reading of the Wisdom Literary Genre in the Hebrew Bible

Felipe Silva Carmo*

Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) | São Paulo, Brasil
flps.carmo@gmail.com

Resumo: Nos estudos bíblicos, o gênero literário sapiencial passar por um processo de revisitação: acadêmicos enfatizam a necessidade de ler o texto de maneira atenta e intertextual a fim de abranger o diálogo e a concepção do discurso de sabedoria. Entre os conceitos revisitados está a utilização *חֹכְמָה* (*hokmāh*), que, não raro, é tomado como termo técnico ao gênero. Para o desenvolvimento desses esforços, e para que a literatura sapiencial da Bíblia Hebraica resguarde proporções dialógicas amplas, este trabalho tem como objetivo estudar a correspondente de *חֹכְמָה* no árabe, *حكمة* (*hikma*), explorando seu alcance semântico e contribuindo à leitura do gênero literário sapiencial na Bíblia Hebraica. Entende-se que *حكمة* refere-se principalmente ao conhecimento desenvolvido a partir da experiência humana, sem, contudo, excluir a sua proporção religiosa.

Palavras-chave: Sabedoria. Bíblia Hebraica. Gênero literário.

Abstract: In biblical studies the wisdom literature goes through a revisiting process: scholars stress the need of reading the text in an attentive and intertextual way, in order to encompass dialogue and the concept in the wisdom discourses. Among the revisited concepts is the use of *חֹכְמָה* (*hokmāh*), which is often taken as the technical term for the genre. In order to develop such efforts and safeguard the broad dialogic proportions of the Hebrew Bible, this paper has as its aim to study the Arabic corresponding of *حكمة* (*hikma*), exploring its semantic reach and contributing to readings of the Wisdom Literature in the Hebrew Bible. *حكمة* is understood as referring mainly to the knowledge developed from human experience, without excluding its religious proportion.

Keywords: Wisdom. Hebrew Bible. Literary Genre.

¹ Este artigo foi desenvolvido no projeto de pesquisa “Bíblia, Linguagem e Literatura: Estudos Introdutórios” do grupo “*Excelsior!* Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Religião e Cultura da Mídia”, com o apoio do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Agradecimentos especiais à Dra. Safa Alferd Abou Chahla Jubran, ao Dr. Reginaldo Gomes de Araújo e à Ramage Maher pelo auxílio na escrita, transliteração e revisão das palavras em árabe.

* Mestre em Estudos Judaicos pela Universidade de São Paulo (USP).



Introdução

Nos estudos bíblicos, o estudo do gênero literário sapiencial não foi uma preferência acadêmica durante muitos anos. Os textos de sabedoria (*corpus* representado comumente por Jó, Provérbios e Eclesiastes) eram abordados de maneira periférica e, não raro, irrefletida. Esse nível de aprofundamento resultou em uma hermenêutica acrítica a diversificados pressupostos oferecidos à leitura, mas dificilmente confrontados pela academia. Nesse sentido, com o passar dos anos, a leitura do gênero sapiencial acumulou um conjunto de deduções teóricas obrigatórias para o estudo científico de seus textos dentro de uma abordagem anacrônica imperceptível para muitos estudiosos.

Para que um texto fosse considerado “sapiencial”, por exemplo, estudiosos da Bíblia Hebraica (BH) assumiam uma expressão antirreligiosa elaborada em termos filosóficos por uma “comunidade” de autores que possuíam uma visão de mundo materialista em declarada inimizade a uma ideologia religiosa professada por outros grupos sociais.² O gênero literário sapiencial, entendiam, é secular e não possui preocupações de cunho religioso.

Com a recente retomada dos textos sapienciais como objeto de estudo entre os biblistas, todos os pressupostos afirmados desde o século 19 a respeito do assunto passam a ser revisitados e, não obstante, desconstruídos paulatinamente.³ A revisitação da literatura sapiencial chega ao ponto de sugerir a “morte” da sabedoria bíblica devido às concepções especulativas sob a qual foram fundamentadas as pesquisas elaboradas até o momento.⁴ Recentemente, a ênfase apregoada nos estudos bíblicos pretende levar em consideração uma leitura atenta e intertextual do texto hebraico para que, a partir de suas utilizações, a expressão de um gênero possa ser identificada com mais precisão e universalidade.⁵

Um dos aspectos que, segundo biblistas, deve ser revisitado para a leitura do gênero literário sapiencial é a abrangência semântica do substantivo feminino חִכּוּמָה (*hokmāh*), identificado por muitos autores como uma espécie de “termo técnico” para a designação do discurso de sabedoria.⁶ Para os estudiosos, essa expressão não pode se restringir a significados rígidos mas deve ser estudada em diversificados contextos capazes de dialogar com outras instâncias de gênero na BH⁷ – ao contrário do que havia sido feito nos estudos bíblicos até então. Um esforço necessário para que esse

² HEIM, 2015; MCKENZIE, 1967; MURPHY, 1967.

³ Ver SNEED, 2015; MURPHY, 1967; WEEKS, 2010; JARICK, 2016.

⁴ Ver: KYNES, 2019.

⁵ Ver: KYNES; DELL, 2012; KYNES; DELL, 2020.

⁶ Ver: HARRISON, 1991; HARRIS; ARCHER, 1998; BERRY, 1999.

⁷ Ver: DAVISON, 1984; FOX, 1993; MURPHY, 1992.



objetivo seja cumprido é, por exemplo, o estudo comparado de חָכְמָה, levando em consideração suas origens etimológicas semíticas a partir de sua raiz *hkm*.

Com essa necessidade em voga, este artigo tem como objetivo oferecer breves considerações a respeito do correspondente árabe *ḥikma* (حِكْمَة) para o enriquecimento da leitura do gênero sapiencial na BH. Este estudo é relevante na medida em que há escassez de pesquisas que abordem o gênero sapiencial a partir de seu contexto semítico, já que grande parte de tais aproximações tomam como preferência a literatura egípcias como parâmetro para a leitura do gênero literário sapiencial na BH.⁸ Para que esse propósito seja realizado, este texto oferece um breve levantamento bibliográfico que trata da discussão acerca do alcance semântico de *ḥikma* no árabe para, finalmente, oferecer contribuições aos paradigmas de leitura aplicados à sabedoria bíblica.

1 O diálogo com a sabedoria árabe na Bíblia Hebraica

Antes de mencionar as possíveis contribuições semânticas de *ḥikma* à leitura do gênero literário sapiencial na BH, é pertinente ressaltar algumas das relações literário-culturais que a sabedoria hebraica compartilhava com seus contemporâneos. É fato reconhecido entre os estudiosos que “Israel também dependia da sabedoria do povo do oriente”.⁹ Costuma-se apontar que a BH expressa evidências que engendram a relação – de diálogo ou de dependência literária – entre a sabedoria dos hebreus e a sabedoria árabe. Uma das possíveis observações sobre a palavra חָכְמָה, em Provérbios 30:1, por exemplo, é de que faz menção à uma tribo árabe do norte de “Massá” (cf. Gn 25:14; 1Cr 1:30). R. B. Y. Scott compreende que Agur, apresentado como “filho de Jaque”¹⁰ em Provérbios 30:1, “era do reino de Massá, mencionado nas inscrições assírias e norte-arábicas, localizadas próximo a Tayma, cerca de 250 milhas ao sul de Aqaba”.¹¹ Ocorrência semelhante é lida em Pv 31:1, “palavras do rei Lemuel, de Massá [מְשֻׁא לְמוֹאֵל מֶלֶךְ מְשֻׁא]”, em que Massá refere-se a um local específico regido por Lemuel. Além disso, de uma perspectiva mais abrangente do que a dos exemplos anteriores, em 1 Reis 4:30 [5:10] a sabedoria de Salomão é comparada à sabedoria de כָּל-בְּנֵי-קֶדֶם (“todos os do oriente”): “essa frase geralmente faz referência ao Wadi el-Arish, no deserto do Sinai”,¹² região onde se incluem os árabes. A expressão כָּל-בְּנֵי-קֶדֶם também é encontrada em Jó 1:3, após ser

⁸ Ver: DAY, 1995; CLIFFORD, 2007; KASSIS, 1999.

⁹ DAY, 1995, p. 55.

¹⁰ Todas as citações bíblicas foram retiradas da tradução Almeida Revista e Atualizada, publicada pela Sociedade Bíblia do Brasil, 1999.

¹¹ SCOTT, 1971, p. 167.

¹² WALSH, 1996, p. 88.



contabilizada a riqueza do protagonista em comparação aos seus contemporâneos e compatriotas.¹³

Outra relação comumente observada entre os estudiosos – embora não se trate de uma referência direta à BH, mas ainda pertinente ao estudo – encontra-se na literatura judaico-cristã do Segundo Templo. Em Mt 2:1-12, uma narrativa sugere a relação entre os hebreus e a sabedoria árabe na atuação dos “magos do oriente”. Ainda que alguns acadêmicos discordem a respeito da identidade dos magos citados na narrativa,¹⁴ mesmo que de maneira vaga, a origem dos personagens é o “oriente”; ou seja, a geografia que integra “tudo o que está ao leste do rio Jordão”, as regiões da “Transjordânia, Arábia, Babilônia e Persa”.¹⁵ João C. L. Ferreira,¹⁶ ao aplicar uma exegese à narrativa de Mt 2:1-12, explica que a preferência por uma origem árabe aos magos ocorre em virtude dos presentes que carregavam consigo, a saber: ouro, incenso e mirra. Ferreira, citando Augustinovich, afirma que “as dádivas apresentadas pelos magos são riqueza tradicional da Arábia.”¹⁷ Não obstante à sua opinião, o autor esclarece que embora as especiarias sejam da região, essa leitura desconsidera o desenvolvimento comercial do Oriente na época.

Dessa maneira, no que diz respeito às relações entre a sabedoria hebraica e árabe, o cenário de diálogo literário-cultural acima é pré-concebido para fortalecer o vínculo etimológico existente entre os substantivos חָכְמָה e حِكْمَة (*hikma*) como principal designação do gênero literário sapiencial. Entende-se que o termo hebraico para “sabedoria”, חָכְמָה, provém da raiz verbal *hkm*, traduzida, grosso modo, como “ser sábio” ou “ser prudente”;¹⁸ afirma-se também sua familiaridade com o aramaico e o siriano na expressão *hakām*, “sábio”; no ugarítico *hkm*, “ser sábio”; no acadiano *hakāmu*, “compreender”; e, finalmente, no árabe *hkm*, “julgar, decidir”.¹⁹ Esse imbricamento etimológico entre expressões que carregam a mesma raiz faz supor não apenas a sua origem comum, mas igualmente suas correspondências semânticas.

Ainda assim, em detrimento de tais possibilidades, parece ainda insistir a existência de um largo território inexplorado entre a sabedoria hebraica e árabe. Com essa perspectiva em mente, Riad Aziz Kassis provoca os estudiosos da área ao afirmar que “a literatura sapiencial árabe [...] não foi adequadamente estudada de maneira

¹³ Embora este artigo procure fazer referência à Bíblia Hebraica, é interessante fazer menção aos “magos do oriente”, no evangelho de Mt 2:1-2, que foram a Jerusalém ao encontro de Jesus Cristo, por acreditarem ser ele o futuro rei dos Judeus.

¹⁴ Ver: HILL, 1981 e GARLAND, 1993.

¹⁵ AUGUSTINOVICH citado por FERREIRA, 2004, p. 37.

¹⁶ FERREIRA, 2004.

¹⁷ AUGUSTINOVICH citado por FERREIRA, 2004, p. 37.

¹⁸ Ver: DAVIDSON, 2007, p. 257.

¹⁹ Ver: KLEIN, 1987, p. 216.



crítica e analítica”,²⁰ principalmente em paralelo à BH. Naturalmente, isso não significa que poucos estudos foram realizados nesse sentido – visto que a exegese bíblica, desde o século 16, encorajava o estudo comparado das línguas semíticas.²¹ A provocação de Kassis tem como objetivo incrementar tais estudos comparativos conferindo atenção especial aos provérbios árabes do período clássico, visto que eles, “[os ‘provérbios antigos’, الأمثال القديمة], representam a camada mais longeva da sabedoria proverbial árabe”, e, portanto, estariam mais próximos do contexto da sabedoria hebraica.²² Segundo o mesmo autor, mesmo a literatura sapiencial pós-clássica pode ser referida no período clássico, já que “a maioria dos provérbios pós-clássicos foram cunhados do árabe clássico, e expressam uma cosmovisão e filosofia desenvolvidos”.²³

Em suma, embora a relação entre a sabedoria hebraica e árabe seja perceptível em alguns níveis de leitura na BH, e principalmente na relação etimológica entre חכמה e حكمة, ainda há lacunas passíveis de aprofundamento: por um lado, a própria sabedoria árabe permanece em segundo plano na academia; por outro, essa dificuldade provoca sintomas mórbidos nos estudos comparados, dificultando, por exemplo, a realização de pesquisas úteis à leitura do gênero literário sapiencial na BH. A fim de que sejam realizadas iniciativas para o enriquecimento desse cenário, o segundo tópico deste artigo seguirá com breves considerações sobre a utilização de حكمة no Alcorão com a finalidade de somar seus resultados à leitura do gênero de sabedoria na BH.

2 O termo حكمة e a máxima proverbial árabe

No árabe clássico, حكمة (“*hikma*”, plural حكم) é o substantivo feminino comumente traduzido como “sabedoria”, para designar o pensamento sapiencial árabe, assim como o *corpus* literário que o representa. Segundo Arthur Jerrery, o termo é utilizado “claramente [como] uma palavra técnica no Alcorão”,²⁴ sendo aplicado a personagens como Luqmān (xxxi, 11) e Davi (ii, 252; xxxviii, 19); associado aos ensinamentos dos profetas (xvi, 126; liv, 5), ao Alcorão (ii, 231; iv, 113); e utilizado como sinônimo para “livro revelado” (iii, 43, 75, 158; iv, 57; v, 110). Por carregar consigo a raiz *hkm*, utilizada vastamente entre as línguas semíticas, حكمة estará associada a termos dentro de um vasto alcance semântico, que pode variar entre “conhecer”, “ser sábio”, “governar”.²⁵ De acordo com H. -P. Müller,²⁶ por exemplo,

²⁰ KASSIS, 1999, p. 7.

²¹ Cf. SIJPESTEJIN, 2015, p. 13.

²² KASSIS, 1999, p. 22.

²³ KASSIS, 1999, p. 22.

²⁴ JERRERY, 1938, p. 111.

²⁵ JERRERY, 1938, p. 111.

²⁶ MÜLLER, 1997, v. 4, p. 367; cf. BROWN; DRIVER; BRIGGS, 2000.



no árabe clássico, a raiz *hkm* estará associada também a dois sentidos especializados: o jurídico (حَكَم, “pronunciar julgamento”, حُكْم, “julgamento”) e o médico (حَكِيم, “homem sábio, filósofo” e especialmente “medico cirurgião”).

A despeito de ser, na maioria das ocasiões, traduzido como “sabedoria”, grosso modo, entende-se que o significado de حِكْمَة está mais próximo de “máxima”, isto é, “dito de sabedoria”²⁷ – o mesmo substantivo poderá ser utilizado como menção a uma “coleção de máximas” ou “máximas” em geral. Ainda assim, uma definição mais precisa para o termo permanece incerta. De acordo com Dimitri Gutas, “nosso primeiro recurso [para definir o termo], os lexicógrafos árabes, nos desapontam”.²⁸ Para o autor, “com exceção do *Jamharat alluğa* de Ibn Durayd [...] a definição de *hikma* como ‘máxima’ foi negligenciada não apenas pelos principais dicionários [...], mas também pelos léxicos mais especializados.”²⁹ Essa definição, com efeito, teria sido substanciada de ocorrências provenientes de fontes pós-clássicas. Portanto, para outras compreensões a respeito do termo حِكْمَة, seria necessário explorar seus significados em fontes clássicas e pré-islâmicas, em virtude da mudança de conotação que a palavra pode ter agregado com o passar dos anos.³⁰

No que diz respeito às fontes pré-islâmicas de حِكْمَة, Dimitri Gutas observa que o fato de o termo ocorrer em paralelo a خَبِير (“experiente”, “bem informado”), indicaria que a máxima proferida pelo sábio “se origina de experiências [pessoais] anteriores”³¹. Isto é, a aptidão para formular e oferecer uma máxima para conduta a partir de experiências prévias a uma situação específica é característica de um حَكِيم (“*hakîm*”). Nesse mesmo contexto, o حَكِيم poderá ser identificado como o sujeito que entende (عَلِيم) de determinado assunto e, mesmo assim, pode esclarecê-lo através do silêncio; ao passo que o indivíduo que entende (عَلِيم), mas não é capaz de expressar-se, não pode ser caracterizado dessa forma. Por isso, para Gutas, “não é a inteligência, mas a habilidade de fazer ou dizer [...] uma palavra apropriada que torna um indivíduo um *hakîm*”.³² Dessa maneira, o mesmo autor estará apto para oferecer uma relação entre os significados atribuídos ao termo حِكْمَة em ambos os períodos, pós-clássico e pré-islâmicos, conforme apresentados até aqui:

²⁷ Cf. GUTAS, 1981, p. 50; MÜLLER, 1997, v. 4, p. 367.

²⁸ GUTAS, 1981, p. 50.

²⁹ GUTAS, 1981, p. 50.

³⁰ Ainda assim, no final de sua análise, o autor caminha para a conclusão de que *hikma*, no Alcorão, “never seems to mean ‘wisdom’ in the sense of an intellectual faculty; it is not an abstract concept [...], but it refers to something concrete and specific” (GUTAS, 1981, p. 53-54).

³¹ GUTAS, 1981, p. 51.

³² GUTAS, 1981, p. 51.



no árabe pré-islâmico, *ḥikma* se refere provavelmente a um pronunciamento (máxima), que reflete a admoestação a respeito de uma conduta específica, derivada da experiência. O indivíduo que possui a capacidade de tirar proveito tanto de sua própria experiência quanto da dos outros, refinada de suas admoestações (máximas), e que pode agir em conformidade com elas, era um *ḥakîm*. Da mesma maneira, um *ḥakîm* também era aquele que poderia expressar tais pronunciamentos.³³

Em relação aos significados atribuídos a *حكمة* no período clássico, Dimitri Gutas identifica o “problema da oposição entre o significado real e tradicional [...] dos termos corânicos”.³⁴ Para o autor, a partir de considerações oferecidas por comentaristas do Alcorão, o termo *حكمة* poderá ser compreendido a partir de variados significados, como, por exemplo: “prática profética” (الفقه في الدين); “conhecimento da religião” (سنة); “profetismo” (نبوة); “palavra e ação correta” (الإصابة في القول والفعل); “conhecimento” (فهم) ou “temor do Senhor” (خشية الله); “revelação de Deus” (الوحي); “conhecimento da tradição profética” (علم السنن) entre outros. Assim, o paradoxo encontrado entre as definições clássicas e pré-islâmicas, segundo Dimitri Gutas, está no fato de que “era realizada uma distinção rígida entre os significados seculares e religiosos [clássicos] de *ḥikma*”.³⁵ Em outros termos, comentaristas do Alcorão conferiam preferência ao significado religioso de *حكمة* ao invés do secular. A rejeição do deste último ocorreria como reação à dúvida a respeito da verdadeira proveniência da autoridade para o pronunciamento de tais máximas: atribuir a autoridade da *حكمة* à experiência humana poderia supervalorizá-la em comparação à revelação divina.

Outro significado possível para o termo *حكمة* é o de “julgamento” ou de “judiciosidade”.³⁶ Na concepção de Dimitri Gutas,³⁷ o termo *حكمة* teria sido relacionado à palavra *حُكْم* (“bom senso”, “bom julgamento”),³⁸ conforme pode ser documentado de fontes clássicas e pré-islâmicas, a ponto de ser substituída. De acordo com as considerações etimológicas oferecidas por Ṭabarī para *حكمة*, “na minha opinião [*حكمة*] deriva de *ḥukm*, no sentido de separar (*faṣl*) o verdadeiro do falso”.³⁹ Em outros termos, *حكمة* corresponderia a um substantivo do tipo *fiʿla*, derivado do verbo *حَكَمَ*, e *حُكْم* significando um tipo particular de julgamento, isto é, um julgamento correto. Embora essa correspondência seja acreditada, Dimitri Gutas parece oferecer

³³ GUTAS, 1981, p. 52.

³⁴ GUTAS, 1981, p. 52.

³⁵ GUTAS, 1981, p. 53.

³⁶ Cf. JERRERY, 1938, p. 111.

³⁷ GUTAS, 1981, p. 53.

³⁸ Cf. BADAWI; HALEEM, 2008, p. 227.

³⁹ Ṭabarī citado por GUTAS, 1981, p. 53.



alguma reserva a esse respeito, e dá a entender que a sugestão etimológica de Ṭabarī não foi apresentada de maneira precisa.

Considerações finais

Em um primeiro momento, é possível constatar que o termo *حكمة* para “sabedoria” possui alcance semântico semelhante ao hebraico *חָכְמָה*, muito provavelmente devido à sua origem comum: em ambos os casos, a expressão associa-se, genericamente, à sabedoria; faz referência a um *corpus*; é identificada no protagonismo de alguns personagens; refere-se à “palavra divina” (expressa ou transmitida); abrange a *expertise* em práticas técnico-profissionais (como o direito e a medicina); e diz respeito à elaboração de máximas ou ditos sapienciais, entre outras possibilidades.

Não obstante, em segundo lugar, é importante oferecer a ressalva de que o significado de *حكمة* abrangerá um conjunto de possibilidades semânticas específicas a depender das fontes utilizadas para a demarcação de seu significado. Considerando, de forma unilateral, a sua ocorrência no árabe clássico e pós-clássico, o sentido oferecido à expressão preferirá se restringir ao aspecto religioso. Essa restrição reflete a dicotomia entre o sagrado e o profano no estudo do Alcorão, e é defendida por comentaristas que sublinham a necessidade de associar a sabedoria a uma fonte segura, isto é, a prerrogativa divina. Quando *حكمة* é interpretada à luz de suas ocorrências pré-clássicas, contudo, parece prevalecer o aspecto da experiência humana para a aquisição e comunicação do conhecimento. Essa preferência, ainda assim, não atua de maneira a anular a sua conotação religiosa, mas concentra em seus significados pragmáticos um alcance semântico que não estabelece classificações rígidas ou cartesianas à relação entre o religioso e secular.

Por fim, essa discussão pode somar à leitura do gênero literário sapiencial na BH por reforçar a hermenêutica que – durante muito tempo nos estudos bíblicos – foi preferível à leitura da sabedoria, a saber: o aspecto filosófico e empírico. Essa ênfase confere autonomia à elaboração humana de conhecimento por meio da experiência e sublinha o seu aspecto pragmático. Por outro lado, ao contrário do que ocorreu nos estudos árabes, o caminho corre o risco, como foi o caso, de seguir por outro extremo: a ênfase no gênero sapiencial como expressão exclusiva da experiência humana em desconsideração ao seu aspecto religioso. Assim como nas deliberações apresentadas neste artigo, parece seguro optar pela não dicotomização da hermenêutica aplicada ao gênero sapiencial, enriquecendo assim os laços semânticos entre a experiência humana e a expressão religiosa.

Referências

BADAWI, Elsaid M.; HALLEM, Muhammad A. *Arabic-English Dictionary of Qur'anic usage*. Leiden; Boston: Brill, 2008.

BERRY, Donald K. *An Introduction to Wisdom and Poetry of the Old Testament*. Nashville: B&H Publishing Group, 1999.



- BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peaboy: Hendrickson Publisher, 2000.
- CLIFFORD, Richard J. (Ed.). Introduction. In: _____. *Wisdom Literature in Mesopotamia and Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literture, 2007.
- DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon: A Complete Series of Hebrew and Chaldee Paradigms, With Grammatical Remarks and Explanations*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007.
- DAVISON, William T. *The Wisodm-Literature of the Old Testament*. London: Charles H. Kelly, 1984.
- DAY, John. Foreing Semitic Influence on the Wisdom of Isrel an its Appropriation in the Book of Proverbs. In: GORDON, Robert P.; WILLIAMSON, H. G. M. *Wisdom in Israel: Essays in hounor of J. A. Emerton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- DELL, Katharine; KYNES, Will (Ed.). *Reading Proverbs Intertextually*. London; New York: Bloomsbury; T&T Clark, 2020.
- FERREIRA, João C. L. Jesus, Herodes e os Magos: Uma interpretação histórico-literária de Mt 2.1-12. *Fides Reformata*, v. 9, n. 1, p. 31-50, 2004.
- FOX, Michael V. Words for Wisdom. *Zeitschrift für Althebraistik*, v. 6, n. 2, p. 149-169, 1993.
- GARLAND, David E. *Reading Matthew: A Literary and Theological Commentary on the First Gospel*. New York: Crossroad, 1993.
- GUTAS, Dimitri. Classical Arabic Wisdom Literature: Nature and Scope. *Journal of the American Oriental Society*, v. 101, n. 1, p. 49-86, jan.-mar. 1981.
- HARRIS, R. Laid; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARRISON, Roland K. *Introduction to the Old Testament: With a Compreensive Review of Old Tesament Studies and a Special Supplement on the Apocrypha*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1991.
- HEIM, KNUT M. The Phenomenon and Literature of Wisdom. In: SAEBO, Magne (Ed.). *Hebrew Bible/ Old Testament: The History of its Interpretation*. III/2: The Twentieth Century. Göttingen: Vandernhoeck & Ruprecht, 2015.
- HILL, David. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
- JARICK, John (Ed.). *Perspectives on Israelite Wisdom: Proceedings of the Oxford Old Testament Seminar*. London; New York: Bloomsbury; T&T Clark, 2016.
- JEFFERY, Arthur. *The Foreign Vocabulary of the Qur'ān*. Baroda: Oriental Institute, 1938.



KASSIS, Riad. *The Book of Proverbs and Arabic Proverbial Works*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1999.

KLEIN, Ernest. *A Comprehensive Etymological Dictionary of the Hebrew Language for Readers of English*. Jerusalem: Carta Jerusalem, 1987.

KYNES, Will; DELL, Katharine (Ed.). *Reading Job Intertextually*. London; New York: Bloomsbury; T&T Clark, 2012.

KYNES, Will. *An Obituary for "Wisdom Literature": The Birth, Death and Intertextual Reintegration of a Biblical Corpus*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MCKENZIE, John L. Reflections on Wisdom. *Journal of Biblical Literature*, v. 86, n. 1, p. 1-9, 1967.

MÜLLER, H.-P. חָכְמָה *chākhām*; חֲכָמָה *chākhām*; חֻכְמָה *chokhmāh*; חֻכְמוֹת *chokmōth*. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. (Eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament: ז' עב-ז' z'ēbh-ḥms*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997. v. 4.

MURPHY, Roland E. Assumptions and Problems in Old Testament Wisdom Research. *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 29, p. 407-418, 1967.

MURPHY, Roland E. Wisdom in the Old Testament. In: FREEDMAN, David N. (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary: Si-Z*. New York; London; Toronto; Sydney; Auckland: Doubleday, 1992. v. 6.

SCOTT, R. B. Y. *The Way of Wisdom in the Old Testament*. New York, 1971.

SIJPESTEJIN, Petra M. The Wisdom of the Arabs 400 Years of Cross-Cultural Interaction. In: SIJPESTEJIN, Petra M.; MONTGOMERY, James E.; GELDER, G. J. H. *Wit and Wisdom in Classical Arabic Literature: Leiden Lectures on Arabic Language and Culture*. Leiden: Leiden Publications, 2015.

SNEED, Mark R. (Ed.). *There was a Wisdom Tradition? New Prospects in Israelite Wisdom Studies*. Atlanta: SBL Press, 2015.

WALSH, Jerome T. 1 Kings. In: COTTER, David W. (Ed.). *Berit Olam: Studies in Hebrew Narrative & Poetry*. Collegeville: The Liturgical Press, 1996.

WEEKS, Stuart. *An Introduction to the Study of Wisdom Literature*. New York: T&T Clark, 2010.

Recebido em: 08/03/2020.

Aprovado em: 13/04/2020.